

Minhas Senhoras e Meus Senhores

O 25 de Abril é um dia de festa, de celebração. É um dia de reconhecimento pelo nosso passado, introspeção pelo presente e reflexão pelo futuro.

Celebrando o 50º aniversário do 25 de Abril, é um facto que vivemos num Portugal mais rico, mais próspero, inovador e moderno, nunca esquecendo a Cultura, o Emprego, a Prosperidade e Crescimento, para a melhoria da nossa qualidade de Vida.

O Partido Social Democrata é um Partido humanista e reformista, a 11 dias de celebrarmos o aniversário da fundação do PSD, a identidade mantém-se sem medo de decidir para construir. Somos o que sempre fomos, exigentes, atentos e sempre com uma visão e missão, as PESSOAS.

Somos um Partido Ambicioso, virado para o Futuro, e sempre com Orgulho do nosso Passado, construímos para a verdadeira qualidade de vida das Pessoas, fruto da acção e contribuição dos nossos homens e mulheres, jovens e os menos jovens. Sabemos Ouvir, Debater, Identificar e Construir.

A identidade do Partido Social Democrata é a mesma de sempre, somos Humanistas e Reformistas, defendemos a igualdade de oportunidades, somos inclusivos, contribuímos e somamos para uma sociedade maior por um Portugal melhor, por tal é essencial que os partidos, as pessoas, os movimentos, as associações assumam as suas responsabilidades e ponham de parte o clima de ataques demagógicos e irresponsáveis, bem como os clamores de sociabilização imediata, que têm vindo a intensificar-se desde o 25 de Abril de 1974.

A luta pela igualdade de género é algo que, hoje em dia se legisla, mas que para as mulheres, em especial as que nasceram antes do 25 de abril de 1974, trouxe muitas lágrimas, depressões, suicídios, violência e nenhum de nós é imune à maior parte dessas coisas.

Abril é o nosso símbolo de concretização do que é vivermos em Democracia. Citando Natália Correia “O que ficou da revolução do 25 de Abril? Foi uma grande disponibilidade para as pessoas se organizarem”. Temos a opção de nos juntarmos à política com o objetivo de conseguir ajudar mais pessoas.

A mulher por tudo o que foi capaz de fazer e criar ao longo dos tempos na luta pelos seus direitos desenvolveu a capacidade inata de ser multifuncional, de fazer várias coisas ao mesmo tempo e saber dirigir o seu principal foco para o que realmente interessa, no momento.

Ao longo da nossa vida temos vários mentores, primeiro os pais, depois a família e os professores, mais tarde encontramos mentores no trabalho. Simplesmente procuramos, de uma maneira simples alguém a quem reconhecemos sabedoria e com quem queremos aprender algo.

O mundo gira a uma velocidade astronómica e cada vez maior.

Sendo expostos a tantas mudanças e problemas, o ser humano pode acabar por adoecer se não conseguir gerir o seu tempo eficazmente e equilibrar a vida pessoal e profissional.

Uma mulher é naturalmente cuidadora, cuida de si e de todos à sua volta. Todos somos sujeitos a discriminação, mas as mulheres em particular têm ainda um trabalho árduo pela frente.

Com o 25 Abril de 74, uma mulher foi ganhando poder de colocar limites; o poder de valorizar-se; o poder de ser mãe, de ter um companheiro ao seu lado que a apoie, a respeite, a admire, acima de tudo tem o poder de ser feminina e assumir as responsabilidades do seu êxito profissional e pessoal.

Recordemos 3 mulheres cuja contribuição para o País foi importante e mostraram a realidade dos “anos de chumbo” do Estado Novo, que quem viveu prefere esquecer e quem não conhece precisa de saber do que se livrou. Contribuíram de modo decisivo para o que podemos de “avanço da sociedade” – tal como a precursora Carolina Beatriz Ângelo (para nos ficarmos só pelo século XX), a primeira mulher que conseguiu votar, em 1911, contra a vontade dos homens da República.

Provavelmente não participariam no movimento de emancipação feminino que agora cresce, porque já eram emancipadas por conta própria e porque a sedução dos homens fazia parte do seu poder. Quem sabe...

Hoje, 25 de Abril de 2024, faz 50 anos que Portugal despertou para a Democracia quebrando as correntes ditatoriais. Esta revolução não fora somente uma união popular, ou uma luta dos partidos “revolucionários da época” e/ou até mesmo do golpe militar.

Esta tomada de liberdade fora também cultivada num certo silêncio ensurdecedor. Uma autêntica pedrinha pontiaguda que tanto incomodava a “engrenagem” dos pesados e imóveis moinhos de vento.

Uma dessas “pedrinhas pontiagudas” foi Snu Abecassis, que para além de ser a segunda mulher do Dr. Francisco Sá Carneiro, foi a fundadora da Editora D. Quixote.

Snu, dinamarquesa por nascença, nascida numa família abastada e intelectual, caiu em Portugal como um óvni, mas não se deixou intimidar pelo País atrasado isolado da década de 60. Com alma lusa, co-revolucionou, através das publicações na sua editora, de vários textos ultra proibidos, muitas das publicações, pouco populares junto da polícia política (PIDE), serviram para matar a sede de liberdade de expressão, de acesso e acima de tudo de conhecimento.

Nórdica, culta e contida, Snu é o oposto das duas portuguesas, que vou citar e que veio a conhecer nas peripécias da escassa vida intelectual de Lisboa. Snu não se conformava. Queria fazer alguma coisa. Limitada pelo fraco conhecimento do idioma (que melhorou de dia para dia) e pela sua personalidade discreta, decide recorrer à tradição da família: funda a Editora Dom Quixote, em 1965. Uma chatice para o regime, esta estrangeira intocável que não sabe ficar quieta. Chamada à seda da polícia política, vai de casaco de *vison*, só para mostrar o seu estatuto. Snu estava na mira do ministro do Interior, César Moreira Baptista, que a chama ao seu gabinete: “Se a senhora publicar algum livro das marias, mesmo que seja um livro de cozinha, fecho-lhe a editora.” Era assim, a prepotência do Poder, que a exasperava. Snu queria fazer, mas sentia-se constrangida pela hostilidade dos desconfiados portugueses com a sua distância.

Com a revolução de Abril de 74, a Dom Quixote, finalmente ficou livre dos constrangimentos censórios, estava a caminho de se tornar a maior e mais prestigiada editora de autores portugueses

Mas não chegava. O acaso fá-la conhecer Francisco Sá Carneiro, um político que via que o Estado Novo estava a dissolver-se. Preocupava-o a liberdade de imprensa e de expressão. Participou na chamada “ala renovadora”, a tentativa permitida por Marcello Caetano de modernizar o imodernizável.

Foi Natália Correia que serviu de “casamenteira” entre Snu e Francisco. Uma paixão arrebatadora, instantânea. E um problema colossal. Snu divorciou-se, ficou livre, situação normal para a sua cultura. Mas Sá Carneiro era casado pela Igreja, na altura, o divórcio civil só era possível se os dois quisessem, e Isabel não quis. o homem ativo, participante na política, interessado no País, que ela tanto queria num companheiro. Assumir uma amante, no Portugal de 1975, não era fácil. Sá Carneiro leva Snu para as cerimónias oficiais, apresenta-a como se fosse sua mulher, o que escancarou o conservantismo mesmo dos revolucionários e levantou todo o tipo de problemas diplomáticos e morais. Snu não gosta de se evidenciar, mas gostava de estar ao lado dum homem que fazia diferença. A estrangeira que veio para Portugal por acaso tem um papel determinante no que é Portugal.

Em dezembro de 1980 dá-se o desastre de Camarate.

Natália Correia Uma sedutora. Uma guerreira. Inteligente, poética, arrebatadora. Casa-se pela terceira vez com Alfredo Luís Machado dono do Hotel do Império (hoje Britânia) adorava-a – todos os homens que a conheceram a adoravam – e proporcionou-lhe um salão onde reunia regularmente a intelectualidade de Lisboa para recitar poesia, debater política e filosofar. Considerava-se uma poetisa, mas foi também dramaturga, romancista, ensaísta, tradutora, jornalista, guionista, editora e musa de muitos artistas.

Ninguém resistia ao seu encanto, e Natália usava-o com vivacidade, sem deixar de se envolver nas questões importantes da época.

Em 1966 coligiu a Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica, que a censura e os brandos costumes mantinham afastado do conhecimento público. O livro foi imediatamente proibido e Natália acusada num processo público onde pôde exercer a sua verve perante o juiz e uma audiência cúmplice

e estasiada. Apanhou três anos de pena suspensa, o que só aumentou o seu prestígio e não a fez abrandar. Em 1971, abriu um bar que ficaria para a história das tertúlias lisboetas, o Botequim, onde imperava todas as noites. Amiga de Snu e Sá Carneiro, entrou para o parlamento como deputada da bancada do PPD/PSD. As suas intervenções, como sempre despudoradas e bombásticas, eram comentadas por toda a gente. Mas também escreveu textos sérios, inclusive um que anunciava a decadência do regime e que se provou profético. Citando “As primeiras décadas do próximo milénio serão terríveis. Miséria, fome, corrupção, desemprego, violência, abater-se-ão aqui por muito tempo. A Comunidade Europeia vai ser um logro. O Serviço Nacional de Saúde, a maior conquista do 25 de Abril, e Estado Social e a independência nacional sofrerão gravíssimas rupturas. Abandonados, os idosos vão definhando, morrer, por falta de assistência e de comida. Espoliada, a classe média declinará, só haverá muito ricos e muito pobres. “após 30 anos de sua morte não se “enganou” muito, cabe a cada um de nós e neste momento é da responsabilidade do governo liderado pelo Partido Social Democrata quebrar esta profecia, dêem-nos tempo acredito que se vai realizar.

Maria Armanda Falcão, mais conhecida por Vera Lagoa, era uma mulher destemida e atrevida, que viveu entre o medo da solidão e a vontade de fazer diferença, contrariando os poderes instituídos, que via como totalitários e castradores. Antes do 25 de Abril, o poder era o salazarismo; depois, as forças revolucionárias. Lutou contra ambos, paradoxalmente, impulsionada pela mesma ansiedade de ser reconhecida e celebrada. Conseguiu participar na primeira emissão da RTP experimental, em 1956 – mas não ficou na emissora por “ter uma personalidade demasiado independente”. Tornou-se cronista vitriólica no *Diário Popular*, adotando o nome que a tornaria uma figura pública, Vera Lagoa. Vera querendo dizer “verdadeira” e Lagoa, o nome do vinho que estavam a beber... Na coluna exercia alegremente o seu papel de provocadora; comprava todas as disputas da época, sociais, políticas ou simplesmente mexeriqueiras e era vista pelos poderes instituídos como um inconveniente – com vontade própria, aguerrida, e ainda por cima mulher. Um alter ego perturbador para a ordem recém-instituída.

Como ela própria disse mais tarde, falando de si na terceira pessoa: “A Maria Armanda era uma pessoa com muito mais valor do que a Vera Lagoa. Tinha mais energias, mais coisas por que lutar. A Vera Lagoa afasta muita gente que a Maria Armanda gostaria de ver junto de si. Antigamente vivia rodeada de certas pessoas que estimava muito.”

Neste novo papel vingativo juntou-se com um grupo de ativistas reacionários, como José Miguel Júdice, Jaime Nogueira Pinto e Nuno Rogeiro, para fazer o jornal *O Diabo*, que até teve uma coluna de Marcelo Rebelo de Sousa. *O Diabo* teve o papel ingrato de levar aos limites a tolerância da democracia. Foi proibido e logo depois permitido. Teve mais de 200 processos por difamação e ofensas pessoais. A Maria Armanda tinha sido abafada pela Vera Lagoa, mas a combatividade era a mesma. Fica na memória uma mulher apaixonada, que nunca se deixou intimidar pelo Poder.

*Citando Snu “Haverá tantas mulheres brilhantes quanto homens. Mas, nesta sociedade tradicionalista, é muito difícil exercerem o seu brilho. No nosso país, de acordo com o estilo “Português Suave” eles tratam-nas com desdém e paternalismo, minimizando as suas opiniões e receos da sua influência. As que conseguiram vencer as barreiras merecem ser recordadas, não só pelo que fizeram, mas também por terem almejado fazê-lo.”*

Por isso quero publicamente agradecer a Snu Abecassis por ter feito tanto num país que não fora o seu, mas que o adoptou como tal e que apesar de todas as vicissitudes mesmo assim o amou: obrigada!

No 50º aniversário do 25 de Abril festejamos a liberdade, mas nem tudo foram rosas (cravos), não esqueçamos os tempos do PREC, Portugal vivia com atividades revolucionárias, que nos trouxeram o período crítico do chamado Verão Quente de 1975, tempos de agitação popular e alguma desordem, que termina no dia 25 de Novembro de 1975, e nos trouxe a estabilização da Democracia Representativa em Portugal, concluída com a aprovação da Constituição Portuguesa em Abril de 1976.

O que se concretizou em 50 anos:

- Consagração do salário mínimo nacional
- Criação da pensão social para pessoas que não tenham descontado para a previdência

- Consagração do pagamento do 13.º e 14.º mês (subsídio de Natal) e do subsídio de férias para trabalhadores e reformados;
- Regulado o exercício do direito à greve
- Proibidos os despedimentos sem justa causa
- Estabelecido o período de férias
- A licença de maternidade (que actualmente se designa de parentalidade, pode ser partilhada entre mãe e pai
- O direito de escolha e livre-arbítrio das decisões individuais das pessoas;
- Liberdade de imprensa;
- Eleições livres;
- Direito à Saúde, construção do Serviço Nacional de Saúde;
- Direito ao Ensino para todos...

Não é só direitos, liberdades e garantias. Mas também o Estado social, a segurança e proteção no emprego.

Mas sejamos arrojados e ambiciosos, ainda há muito a fazer, temos de concretizar, o sonho social e de justiça igual para todos, igualdade de oportunidades para todos, todos, todos.

Com cinco décadas de vida democrática e há 38 anos na União Europeia, o país terá também de ser mais assertivo na participação no projeto comunitário, neste momento é urgente que se concretize o alargamento do União Europeia à Ucrânia, onde já era tarde.

Concluo, afirmando o que somos, somos Sociais-Democratas, somos inclusivos, e estamos aqui para somar, a política é um ato nobre, tudo faremos para que se faça com elevação e seriedade pela Democracia, por Portugal.

Depende de nós todos, jovens e menos jovens, mulheres e homens, a par, da nossa capacidade e da nossa coragem, para enfrentar o desafio do Futuro de um Portugal Maior e Melhor, resistindo e enfrentando com convicção, a demagogia da Extrema Esquerda e da Extrema Direita. pela Europa.

Viva o 25 de Abril – dia da Liberdade! Viva o 25 de Novembro – dia da Democracia Pluralista!

Viva Ílhavo! Viva Portugal!

Ílhavo, 25 de abril de 2024

Grupo Municipal do Partido Social Democrata

Margarida Alves